

# OS LUSÍADAS

## de Luís de Camões

Comentados por D. Marcos de S. Lourenço

*Cónego Regular da Congregação de Santa Cruz de Coimbra*

TRANSCRIÇÃO E FIXAÇÃO DO TEXTO

Isabel Almeida, Filipa Araújo, Manuel Ferro,  
Teresa Nascimento, Marcelo Vieira

NOTAS

Isabel Almeida, Filipa Araújo, Marcelo Vieira

REVISÃO, ÍNDICE E NOTA INTRODUTÓRIA

Isabel Almeida



Chama vaso negro ao do esquecimento, ou aludindo ao negro vaso por onde as almas no Inferno bebiam o longo esquecimento, como diz Virgílio<sup>488</sup>, o vaso negro entende triste, como é provérbio mui comum, e Alciato o advertiu dizendo:

*Index maestitiae est pullus color: utimur omnes  
Hoc habitu, tumulis cum damus inferias.*<sup>489</sup>

Nas últimas palavras de Ovídio que pouco há pusemos, está incluída uma sentença que vem a nosso propósito. Diz o último verso

*Non mihi pars fati candida nulla mei est.*<sup>490</sup>

Vem tratando que nenhũa causa haveria pera seu amigo Ático dele se esquecer, e conclui *non mihi est*, como se dissera<sup>I</sup>: não foi meu fado de todo tão negro, e lhe não ficasse algũa cousa de cândido, pois inda há quem de mim se lembra. Chama<sup>II</sup> ao esquecimento negro, chamando à lembrança branca, *quia contrarium eadem est scientia.*<sup>491</sup>

33

Sustentava contra ele<sup>III</sup> Vénus bela  
afeiçoada à gente Lusitana  
por quantas qualidades via nela  
da antiga tão amada sua romana  
nos fortes corações; na grande estrela  
que mostraram na terra Tingitana

<sup>I</sup> No ms.: «conclue. Porque/nõ mihi ect comose dissera naõ foi meu fado»...

<sup>II</sup> No ms.: «Chamando/a ao esquecim<sup>to</sup>»...

<sup>III</sup> No ms.: «contra elles»...

<sup>488</sup> D. Marcos alude ao passo em que, no livro VI da *Eneida*, Anquises explica ao filho, depois de descido aos infernos e intrigado pelo que vê: a multidão que cobre as margens do Letes é a *animas* mas que, destinadas a animar ainda outros corpos (*animae, quibus altera fato / corpora dantur* *Lethaei ad fluminis undam / securos latices et longa oblivia potant* – vv. 713-715), bebem, nas águas quietas do rio, longos esquecimentos.

<sup>489</sup> D. Marcos cita os dois primeiros versos do emblema CXVII, *In colores*, de Andrea Alciato (*Emblemas*, 1985, p. 155).

<sup>490</sup> Publius Ovidius Naso, *Ex Ponto*, II, IV, v. 30. Na edição de referência: *non ita pars mea*...

<sup>491</sup> A relação entre contrários como princípio do conhecimento foi destacada por Francisco de Suárez na *Metafísica* (l. IX), e glosada pela tradição escolástica. No comentário à obra do Estagirita (l. II), o conimbricense Pedro Fonseca explicou: *Causa verò est, quia scientia est ratio, hoc est, abstractiva rei cognitio, quæ & diuisivam supponit, & demonstratiuam patit ut in ea perfectam rei cognitionem consistere non iniuria dici possit, qui autem definitiuam habet, non solum cognoscit formam rei, sed etiam eius priuationem [...].* (*Commentariorum Petri Fonsecae*, t. III, 1619, p. 644).

e na língua na qual quando imagina  
com pouca corrupção crê que é latina.<sup>492</sup>

Em campo se pôs a fermosa Vénus contra o parecer de Baco, em favor dos portugueses, a quem tinha cobrado afeição, porque<sup>1</sup> neles via o retrato dos seus antepassados Romanos, assi no ânimo invencível, como na prosperidade de suas conquistas e batalhas nas terras de África, como também na linguagem que falam, na qual quando cuida, crê que é a própria latina não muito corrupta. (63v)//

Temos Vénus da nossa parte, contra Baco, cousa que até 'gora se não viu, porque além do parentesco natural, sempre Baco favoreceu a Vénus, e assi diz o Cômico<sup>493</sup> que sem Baco fica Vénus mui fria. Porém assi como há mais que um Cupido, assi há mais Vénus que ãa. Esta nossa Vénus não é a Afrodísea que nasceu da escuma, é ãa Vénus ao divino, que retendo o nome antigo, representa nesta obra nova figura. Deusas deste nome, conta Cícero, *De natura deorum*, quatro, dizendo: *Venus prima caelo et Die nata cuius Elide delubrum videmus*<sup>494</sup>. A primeira Vénus foi filha do Céu, e do Dia (não sei qual deles era o pai). A segunda, gerada da escuma, da qual e de Mercúrio nasceu o segundo Cupido. A terceira, filha de Júpiter e de Dione, mulher de Vulcano<sup>495</sup>. A quarta de Síria, filha de Cipro<sup>496</sup>, chamada por outro nome Astarte (da qual se faz menção na Sagrada Escritura, como Josefo declara e Eliano grego<sup>497</sup> assi lhe chama). Esta foi mulher de

Cicero, *De natur. Deorum*  
l. 3

Josephus, *De antiq.* l. 8<sup>498</sup> et  
*Contra Apion gram.* l. 1<sup>499</sup>

<sup>1</sup> No ms.: «cobradoafeição, porque porq nelles via» (leitura hipotética)...

<sup>492</sup> Na edição *princeps*, como (à exceção da edição de 1613, onde se lê «crê que a Latina»), em todas as outras realizadas até 1631, «que é a Latina».

<sup>493</sup> O cômico será Terêncio, em cujo *Eunuchus* (v. 732) se lê: *sine Ceres et Libero friget Venus sine pino e sem vinho, o amor arrefece*. Como aforismo, a frase foi famosa, e logo na época clássica encontrou como Cícero concorre para a divulgar, citando-a em *De Natura Deorum*, II, XXIII, 60. O *Tabernacle Nova* difundiu-a igualmente, quer sob o título *Abstinentia* (1607, p. 3) quer sob o título *Luxuria* (p. 688).

<sup>494</sup> Marcus Tullius Cicero, *De Natura Deorum*, III, XXIII, 59. Na edição de referência: *delubrum videmus*...

<sup>495</sup> No texto ciceroniano (*De Natura Deorum*, III, XXIII, 60), afirma-se que dessa Vénus e de Astarte teria nascido Anteros. D. Marcos elide esta ideia.

<sup>496</sup> Haverá que entender este passo – uma tradução algo confusa do texto de Cícero: *quarta Venus Cyproque concepta, quae Astarte vocatur* – como «Vénus, filha de Síria e filha de Cipro».

<sup>497</sup> Trata-se de Claudius Aelianus, autor de *Variæ Historiæ Libri XIII*. No capítulo XV do livro I (*De Columbis*), Eliano fala do valor simbólico que as pombas assumiam nos rituais praticados em honra de Vénus Ericina, mas não estabelece explicitamente uma relação entre este nome da deusa e o de Astarte (1604, p. 11).

<sup>498</sup> Sobre Astarte (a bíblica Astoreth), há na obra de Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*, duas menções: teria sido no seu templo que os Filisteus, após vencerem Saúl, depositaram as armas do exército derrotado (VI, 374); e, mais tarde, teria sido Hirom a construir, em honra da deusa, um novo templo (VIII, 146).

<sup>499</sup> É muito fugaz, em *Contra Apion*, a referência a Astarte (I, XVIII, 118; 123), e surge em termos alusivos aos que se acham nas *Antiguidades Judaicas*. Apoiado em Menandro de Éfeso, Flávio Josefo diz que Hirom, rei de Tiro, demoliu velhos templos e fez edificar novos santuários em honra de Astarte e de Astarte.

Adónis. Todos estes nomes e estas Vénus confundem os Poetas, que não há quem se entenda co' eles nesta matéria, mas pela maior parte chamam Vénus à filha de Júpiter e de Dione, e a esta atribuem tudo quanto aconteceu às outras de bem e de mal. A esta nomeavam com vários apelidos, chamando-lhe Cípria, porque era venerada naquele Reino. Horácio: *Sic te diva potens Cypri*<sup>500</sup>. Outros lhe chamam Acidália, porque em Orcómeno, lugar de Beócia, tinha consagrada a si ũa fonte per nome Acedalo. Virg.: *At memor ille matris Acidaliae*<sup>501</sup>. Ora lhe chamam Cítrea, de Citero, cidade de Chipre. Virg.: *Parce metu Cytherea*<sup>502</sup>. Também lhe chamam Páfia, de Pafos, cidade sua. Ericínia, de Erix, monte de Cilícia, e outros nomes com que a intitulam poeticamente. A verdade de tudo isto é, que Vénus é chamado um planeta mui fermoso, que tem o terceiro lugar na beleza depois do sol e lua, que está no terceiro Céu.

Virg., 1.<sup>o</sup>  
Aenead.

Incertus autor  
apud Virgil.

*Phryne Delphis  
venerem auream  
dicauit, eam  
videns Diogenes  
adscriptit  
elogium. Ex  
Graecorum  
intemperantia.  
Arguebat enim  
Graecos supra  
modum libidini  
deditos ea,  
quod scortum  
tantum auri  
collegisset*<sup>504</sup> –  
Laertius l. 6

Plauto in  
Mostel.<sup>505</sup>

Venus<sup>III</sup> venusta

Virg., Eg. 7,  
Parta meae  
Veneri sunt  
munera<sup>506</sup>

Este planeta, a que chamamos estrela d'alva, é mui be(64)//nigno, e suas<sup>I</sup> influências ajudam muito à geração das cousas, e entre as plantas, as roseiras participam mais desta benignidade sua, como diz um poeta<sup>503</sup>. Considerando os poetas as<sup>II</sup> qualidades deste planeta, fabricaram toda essa máquina de fábulas como costumam, todas fundadas neste princípio. Fizeram-na mãe do Amor porque este com benignidade e boas obras se granjea. As influências activas do planeta, puseram-nas passivamente em Vénus, como se ela fosse a namorada e a que tinha as paixões de amar e bem-querer. E logo tornaram a fazê-la autora de suas incontínuas, e sensualidades, porque como ela era a que com suas influências ajudava a geração das cousas, e a esta geração sempre preceda corrupção, ei-la corrupta e sensual. De sorte que quantos efeitos o planeta do Céu causava na terra, tantos testemunhos falsos punham a Vénus, a qual nunca foi, nem existiu<sup>IV</sup> mais que na mente dos que se prezavam de encobrir com fábulas a verdade das cousas. Depois vieram a introduzir este nome fazendo-o apelativo, chamando Vénus a toda a mulher fermosa e lasciva, tanto que a ũa que em Chipre vivia sensualmente, e por sua

<sup>I</sup> No ms.: «e \*suas\* influencias»...

<sup>II</sup> No ms.: «Considerando os poetas essas qualidades»...

<sup>III</sup> No ms.: «estrella venus venusta» (leitura hipotética).

<sup>IV</sup> No ms.: «nẽ extiu»...

<sup>500</sup> Quintus Horatius Flaccus, *Carmina*, I, 3, v. 1.

<sup>501</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 719-720.

<sup>502</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 257.

<sup>503</sup> *Sideris et floris nam domina una Venus* – diz um verso do poema *De rosis nascentibus*, incluído em edições antigas do *Appendix Vergiliana* (v. 1975, p. 177) e hoje atribuído a Ausônio (*Appendix Ausoniana*, II, v. 18).

<sup>504</sup> O passo citado é uma versão latina do texto de Diógenes Laércio. Da obra deste autor grego (séc. III d.C.), circularam traduções intituladas *De vitis, dogmatibus et apophthegmatibus clarorum philosophorum Libri X*, mas D. Marcos terá decerto seguido a *Polyanthea Nova* (1607, p. 1123 – por erro numerada «1023»), sob o título *Templus*, apenas divergindo da sua lição ao escrever *quod scortum eram auri collegisset* em lugar de *quod scortum è turpi quaestu tantum auri collegisset*.

<sup>505</sup> Titus Maccius Plautus, *Mostellaria*, v. 161.

<sup>506</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, III, v. 68.

surpreza ser menos notada ensinou às mulheres ganhar por seu corpo, chamaram-lhe Vénus, e naquela Ilha lhe levantaram templos, atribuindo-lhe tudo o que os Poetas tinham dito do planeta de Vénus em fábulas e figuras.

Lactantius Firm.<sup>507</sup>

Afeiçoada à gente lusitana *ect.*

texto

Quis Vénus bem aos Romanos por decedentes de seu filho Eneas e dos Troianos, agora a relação da semelhança dos costumes a faz afeiçoada aos Lusitanos, porque via neles as partes que nos seus amava. É certo que a semelhança concilia amor, donde disse Ovídio

*Scilicet ingeniis aliqua est concordia iunctis  
Et servat studii foedera quisque sui  
Rusticus, agricolam, miles fera bella gerentem  
Rectorem dubiae navita puppis amat.*<sup>508</sup> (64v)//

Ovidius, 2 de Ponto, El. 5

Eram as rezões da semelhança, a fortaleza dos corações, e a ventura nas batalhas, e particulariza, «na terra Tingitana», porque nas guerras de Cartago mostraram os Romanos mais seu valor, e nisto mais se apareciam neles os Portugueses que naquelas partes Africanas tinham alcançado vitórias mui assinaladas.

No forte coração.

Termo é mui ordinário chamar de grande, ou forte coração, a um animoso e esforçado, porque como diz S. Tomás, *Cor est principium motus in animali*, e noutra parte, *Cor est principium membrorum et virium vitalium quantum ad esse*<sup>509</sup>. E como seja princípio dos membros e forças vitais, a ele<sup>1</sup> recorrem os que declaram o ânimo de cada um, dizendo, é de fraco coração, ou de coração forte. E assi o mesmo é dizer coração que<sup>II</sup> ânimo.

Pri. Secun. q. 19, art. 9. et 3.ª par., q. 90, art. 3.

Na grande estrela.

<sup>1</sup> No ms.: «a elles»...

<sup>II</sup> No ms.: «coraçãõ \*q\* animo».

<sup>507</sup> V. Lactance, *Institutions Divines*, I, 1986, pp. 176-177 (cap. XVII, 10).

<sup>508</sup> Publius Ovidius Naso, *Ex Ponto*, II, V, vv. 59-62.

<sup>509</sup> D. Marcos poderá ter tido presente a definição de *cor* apresentada na *Polyanthea Nova*, onde é evocada a mesma lição de S. Tomás de Aquino (*Cor est primum principium motus in animali* - *Cor est primum principium membrorum et virium vitalium quantum ad esse* - 1607, p. 264). Se a primeira afirmação deve provir de *De motu cordis*, a segunda corresponde à frase que figura em *Scriptum Super Libros Sententiarum*, III, distinctio XIII, quaestio II, articulus I (*quod cor est principium virium vitalium in toto corpore, & est primum principium omnium membrorum quantum ad esse, ut dicit Philosophus* [...]).

Gregor. *Sup.*  
*Mathei* caput 2,  
Homilia 10  
*Adiuerunt*  
*Sacerdotes*  
*Aegyptii fatum*  
*per stellam*  
*significari.*  
*Quoniam id*  
*ex siderali*  
*dispositione*  
*consistere*  
*vulgata*  
*Doctorum*  
*opinionem*  
*creditur.* Pier.  
Valer. lib. 41,  
pag. 436<sup>511</sup>

Na grande ventura. Estrela é o mesmo que fado e que fortuna, como diz S. Gregório Papa contra os Pricilianistas<sup>510</sup>, que criam que cada um tinha certa estrela que lhe governava a vida e sucessos dela, e a isto chamavam fado.

Na terra Tingitana.

Tingi é Tângere, onde resedia El Rei Anteu. Daqui tomou nome aquela província e se chamou Tingitana, onde temos as nossas fortalezas.

texto E na língua na qual quando imagina  
com pouca corrupção crê que é latina.

Era a outra razão de semelhança, a propriedade do idioma português, muito semelhante ao Latim. Antigamente teve Hespanha sua língua particular, que lhe viria dos primeiros povoadores dela, que a trariam da torre de Babel. Certo é que todos no princípio falavam a língua hebraica, o que colige Blancucio<sup>512</sup> nas suas *Instituições Hebraicas*, dos nomes que naquele tempo se punham, os quais todos são hebreus. Na edificação daquela torre lhe foi dado por castigo tal mudança de linguagem que se não entendiam uns aos outros, de sorte que quando os oficiais da torre pediam pedra, eles acudiam com (65)// cal, ou com outro desprepósito. Ajuntaram-se então aqueles que se entendiam, porque a variedade das línguas, não era possível que cada indivíduo tivesse sua língua, porque então nunca se poderiam ajuntar, senão que ãa família, ou um povo, ou ãa certa quantidade de gente, falavam ãa língua, estes que por ela se entendiam uns com os outros caminhavam em busca de terra e povoação onde morassem. Outros da mesma maneira, ficando porém a língua hebraica nos primogênitos decedentes de Noé, que ficaram naquelas partes donde saiu Abrão, a quem começaram a chamar Hebreu, que quer dizer passageiro, depois que passou o Eufrates. Estes homens que vieram povoar

Benedictus Blan.

*Vide Abulensem*  
in *Gen.*<sup>513</sup>

<sup>510</sup> V. *supra*, p. 106, nota IV.

<sup>511</sup> D. Marcos reproduz informação dada na *Polyanthea Nova* (inclusive a indicação bibliográfica) sob o título *Fatum*. Ali, na secção de *Hieroglyphica*, à frase transcrita soma-se ainda outra: *Per motum enim stellarum negotia transfiguntur, ut Hesiodis interpres ait super Asterie*. (1607, p. 415).

<sup>512</sup> Trata-se de Benedictus Blancuccio (ou Benedetto Biancuzzi), sacerdote, professor de língua hebraica no Colégio Romano e autor de *Institutiones In Linguam Sanctam Hebraicam* (1608). Admirador de Pagnino, a quem chama *[vir] nunquam satis laudat[us]*, & *de re litteraria Hebraica optime meriti* (1608, p. 160), declara ter procurado seguir o seu exemplo. Logo no início das *Institutiones*, afirma que originalmente uma só língua existia, dada por Deus a Adão (p. 3). E, advogando ser a *Hebraea* essa língua *Sacra*, procura prová-lo expondo o sentido de múltiplos nomes bíblicos, que diz plenos da excelência, dignidade e mistério próprios da sua origem divina (pp. 4-5).

<sup>513</sup> O Abulense (assim conhecido por ser bispo de Ávila) é D. Alfonso Fernández de Madrigal, *el Tostado* (1400-1455), autor de obras numerosas, impressas logo a partir do século XVI. Num dos *Opuscula*, *De Optima Politia*, a referência à torre de Babel faz parte da reflexão sobre a boa ordem da *res publica* (*Opuscula Eruditissima*, 1613, p. 38). D. Marcos refere-se, porém, a *In Librum Genesis Commentarij*, cap. XI, quaestiones I-XIII, onde o Abulense trata de Babel e da *confusio linguarum* (*In Librum Genesis Commentarij*, in *Opera omnia*, 1596, fls. 54-56v).

o mundo espalharam por ele a variedade das línguas, mais rude ou elegantemente segundo a polícia de cada um. A mudança primeira dos idiomas nasceu da mistura dos estrangeiros. E assi os Hespanhóis perderam totalmente a sua antiga linguagem com a vinda dos Cartagineses, Suevos, Alanos, Godos, Romanos, e ultimamente com os Mouros. Quando os Hespanhóis se viram com tão notável falta, valeram-se da língua Romana, que naqueles tempos era a mais polida, e grave, e assi foram formando seus vocábulos mui semelhantes aos da latinidade. Contudo inda entre nós ficaram muitos dos estrangeiros. É certo que poucas línguas há de quem os Espanhóis não mutuem algũas palavras, pois até dos hebreus as tem. E porque este Reino de Portugal separado do corpo da monarquia Espanhola seguiu novo modo d'escolher verbos e nomes, veio a sua linguagem a fazer-se outra<sup>1</sup> diferente da castelhana, inda que não muito. E com a latina tem tanta afinidade, que no falar latim parecem os Portugueses que falam ãa língua não aprendida por arte mas herdada per natureza. Isto confessam os estrangeiros, como (entre outros exemplos) se pode ver no que disse Pompónio Leto, homem de grandes letras, ouvindo ãa oração que diante do papa Sixto IV fez Dom Gracia de Meneses Bispo de Évora; volvendo-se ao Papa, disse-lhe: – *Pater Sancte quis est iste barbarus qui tam scite loquitur?*<sup>514</sup> Quem é este bárbaro que tão elegantemente fala? A rezão natural desta elegância e boa pronunciação, é, porque a língua portuguesa não usa de palavras vio(65v)//lentas nem guturais, como os estrangeiros, senão naturalmente pronunciadas, o que é muito próprio do latim, que é ãa língua mui fácil, a qual pronunciada ao modo português mostra mais a sua natural suavidade. Depois que Godos, e outras bárbaras nações entraram em Roma no tempo

vide Gaspar de Barreiros

Orósio<sup>515</sup>,  
Jornandes<sup>516</sup>

<sup>1</sup> No ms.: «outra m<sup>o</sup> diferente dacastelhana, indaq ão m<sup>o</sup>.»

<sup>514</sup> D. Marcos altera o texto que cita: escreve *tam scite loquitur* em lugar de *tam disertè loquitur*, conforme se lê na *Chorographia* de Gaspar de Barreiros (1561, f. 247).

<sup>515</sup> Orósio († c. 418), conhecido como Paulus Orosius (mas a atribuição do nome *Paulus*, a partir do séc. VI, resultou do entendimento errado da abreviatura «P.», que designaria *presbyter*), escreveu, estimulado por um pedido de Santo Agostinho, uma obra conhecida como *Libri Historiarum contra Accusatores Christianorum*. O interesse que o texto despertou, ao longo de séculos, nasceu em parte do facto de Orósio ter compilado fontes que se julgavam perdidas e que só através da sua leitura era possível – embora indirectamente – reencontrar. D. Marcos evoca-o, numa fugaz nota marginal, sem explorar a complexidade da sua lição. Na verdade, baseado numa perspectiva optimista e disposto a ver no presente, iluminado pela fé em Cristo, um tempo melhor do que o passado gentio, Orósio fez desta ideia um *Leitmotiv*. Daí que, sem ocultar a violência das invasões godas e o terror por elas inspirado, tenha preferido valorizar a conversão sofrida pelos bárbaros e a nova ordem que, até para a soberania de Roma, a sua vinda significara.

<sup>516</sup> Em *De Rebus Geticis*, Jornandes não narra apenas a história da relação conflituosa entre «bárbaros» e romanos. Pelo contrário, caracteriza a capacidade de aprendizagem dos godos, aptos ao conhecimento da Ética, da Física e da Lógica. Jornandes – ele próprio de origem goda, convertido ao Cristianismo – contrariava assim a imagem negativa dos povos do norte e do leste, mostrando-os também receptivos à lição da Igreja (*Diversarum Gentium*, 1611, p. 93). De resto, numa edição como a de 1611, para lá das obras de Jornandes, o *Chronicon Gothorum*, de Isidoro de Sevilha, ao tratar da conquista de Roma na época de Honório, registava a disposição clemente dos godos para com os romanos que se encontrassem em espaço sagrado ou que, fora dele, invocassem *nomen Christi vel sanctorum* (1611, p. 167).

Quintilianus,  
lib. primo  
Institu.

do Imperador Honório, destruindo e afeando aquela belíssima Cidade, também a língua latina padeceu seu naufrágio, e não só a língua senão também as boas artes pereceram em grande parte. E assi advirte Ambrosio de Morales<sup>517</sup>, que as moedas e letreiros daquele tempo eram como o demais, sem lustre e sem arte, como se aquela gente bárbara fosse mandada ao Império Romano não só para afeitar suas obras, e aniquilar sua potência, senão para esterilizar os entendimentos de seus cidadãos. E assi pouco e pouco se veio a corromper a língua latina, ficando no estado em que hoje vemos a Italiana, que tem hoje em<sup>1</sup> Universidades Catedráticos que a lem, e explicam gramaticalmente com muito proveito dos ouvintes e aumento da mesma língua. A qual curiosidade, se houvera em Portugal, não haveria tantos que culpassem a língua portuguesa de falta de vocábulos, o que lhe nasce do pouco que dela sabem e alcançam. Argui Quintiliano<sup>518</sup> o engano daqueles que se queixam do engenho humano, dizendo que se os homens que eram tidos por rudes com o exercício e estudo se fizeram hábeis, claro fica que não o serem muitos é culpa de sua pouca curiosidade, e não da natureza. Assi podemos dizer: se João de Barros, se Camões, se outros muitos escreveram histórias e poesias elegantísimamente em língua portuguesa, *falso ergo queritur de lingua sua genus nostrum*<sup>519</sup>. Culpa é logo de quem a não aprende, e não da língua que se não dexa entender.

Com pouca corrupção.

Com pouca mudança, ou diferença.

---

<sup>1</sup> No ms.: «q̄ tem hogue \*em\* Universidades Catedraticos q̄ a lem»...

---

<sup>517</sup> No limiar da *Coronica*, Ambrosio de Morales não se coíbe de encarecer, a respeito de Espanha, *vna singular grandeza y gloria suya. Tal es tener sus Reyes de la inclyta sangre delos Godos. y mucho mayor auerse continuado la succession Real por mas de ochocientos años.* Tão-pouco deixa de salientar qualidades dos Godos, mas ao tratar da queda do império romano, diz: *Y es cosa harto notable, y de mucha consideracion, que esta cayda del imperio lleuo tras si y hundio todo lo bueno que auia enel. Espanta la mudança que vuo en todas las cosas. Las letras perecieron de tal manera, que ya de aqui adelante no ay escritores Romanos, ni Griegos: y si algunos vuo, no casi tienen semejança ni rastro de averlo sido. La noble arte de pintura y esculptura hasta las monedas de Honoro tiene lustre, de ay adelante todo es tan trocado, que a un rostro de vn Emperador, o de vn Rey no sabian esculpir, siquiera que parezca hombre.* (Los Otros Dos Libros Vndecimo y Dvodecimo de la *Coronica General de España*, 1577, XI, II, fls. 3-3v).

<sup>518</sup> Marcus Fabius Quintilianus, *De Institutione Oratoria*, I, 1, 3. D. Marcos glosa a lição de Quintiliano, que não fala tanto de curiosidade mas sim de educação, trabalho e estudo, quer quando distingue (para encarecer a segunda) *natura* e *cura*, quer quando salienta, aforisticamente, *nemo reperitur qui sit studio nihil consecutus* (não se acha ninguém que não haja ganho nada com o seu esforço).

<sup>519</sup> A fórmula *ergo queritur* é comum em textos da tradição escolástica, mas mais importante do que essa matriz poderá ter sido um passo de Salústio, que adiante D. Marcos transcreve (v. nota 840) e aqui parece parodiar numa versão acomodática.



# OS LUSÍADAS

## de Luís de Camões

Comentados por D. Marcos de S. Lourenço

*Cónego Regular da Congregação de Santa Cruz de Coimbra*

TRANSCRIÇÃO E FIXAÇÃO DO TEXTO

Isabel Almeida, Filipa Araújo, Manuel Ferro,  
Teresa Nascimento, Marcelo Vieira

NOTAS

Isabel Almeida, Filipa Araújo, Marcelo Vieira

REVISÃO, ÍNDICE E NOTA INTRODUTÓRIA

Isabel Almeida



TÍTULO  
OS LUSÍADAS DE LUÍS DE CAMÕES  
Comentados por D. Marcos de S. Lourenço

EDIÇÃO  
Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos

IMPRESSÃO • ACABAMENTO  
PAPELMUNDE

DATA DE EDIÇÃO  
2014

DEPÓSITO LEGAL  
390981/15

ISBN  
978-989-8660-03-9

---

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



UNIÃO EUROPEIA  
Fundo Europeu  
de Desenvolvimento Regional



GOVERNO DE  
PORTUGAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
E CIÊNCIA

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PEST-C/ELT/UI0150/2014.